



## EDITORIAL

A *Rebinta Barranquenha* continua a sua função, no contributo para a preservação da língua, cultura e memória deste território e a divulgar factos do nosso passado, que fazem parte da história local.

Este número é dedicado à apanha da azeitona: atividade que já teve grande relevância no concelho e que ao longo do tempo, por diversas circunstâncias, foi perdendo importância e caindo em desuso.

Portugal sempre foi um país maioritariamente agrícola. A campanha do trigo, lançada em 1929, levou ao incremento da agricultura, ao aumento da área cultivada e do trabalho no campo, em particular, no sul do país.

A superfície utilizada para fins agrícolas, até aos anos 60, foi aumentando em consequência do arroteamento de terras, do aproveitamento de certas regiões menos aptas para a agricultura e da reconversão de espaços florestais.

Na década de 50, em todo o distrito de Beja dominava a grande propriedade e as terras de latifúndio desempenhando a tração animal e o trabalho braçal um papel fundamental.

Os proprietários recorriam a mão-de-obra assalariada para as mais diversas atividades, como a sementeira, a ceifa, a debulha, a safra (ou apanha da azeitona), a lavra, a monda, entre outras. Em alguns concelhos e propriedades existia, também, o arrendamento e a parceria como formas de exploração.

A existência da atividade agrícola propiciava, nestas regiões, a subsistência de outros ofícios ligados ao trabalho do campo: ferrador, ferreiro, albardeiro, abegão, etc.

A Constituição de 1933, promoveu a organização corporativa, assente na cooperação entre trabalhadores, patronato e Estado, definida pelo Estado Novo no Estatuto do Trabalho Nacional. Entre os organismos cooperativos surgiram os Sindicatos, as Casas do Povo e os Grémios.

Em 1935, os Grémios começaram a substituir os celeiros concelhios, no mercado do trigo, passando a funcionar como intermediários locais da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Em 1937, foi regulamentada a organização corporativa da agricultura - os Grémios da Lavoura, que podiam ser instituídos por iniciativa dos produtores locais ou do próprio Governo. Foi neste contexto que foi criado o Grémio da Lavoura de Moura e Barrancos, nos anos seguintes, encarregado de promover fortemente as culturas do trigo e da azeitona.

A década “dourada” da produção de azeite deu-se no período entre 1950 e 1958, coincidindo com a criação em larga escala de cooperativas de olivicultores, com forte apoio do Estado e, em grande medida, para responder à falta de capacidade de armazenamento. Esta situação afetava sobretudo os pequenos

produtores que, nos anos em que havia excedente de produção, na falta de capacidade financeira e de meios para armazenamento, viam-se obrigados a aceitar ofertas abaixo do preço tabelado.

A Cooperativa Agrícola de Moura e Barrancos foi fundada em 1954.

O olival era visto como um património valioso a manter, conceção que era passada de geração em geração. A cultura da oliveira, ao contrário de outras culturas, permitia o aproveitamento das encostas mais íngremes, era menos dispendiosa e oferecia uma remuneração superior ao trigo e outros cereais.

O cultivo da oliveira tinha como principal objetivo a produção do azeite, um produto de grande valor económico e alimentar que, durante o segundo quartel do século XX e grande parte do terceiro quartel, representou um papel importante na agricultura nacional, tanto pela sua presença nas explorações agrícolas, como pelo seu peso no produto agrícola nacional.

O azeite era a única gordura vegetal empregue na alimentação e a azeitona era para muitas pessoas o “conduto” em muitas refeições.

Foi durante muito tempo usado, também, como fonte de iluminação (mais tarde, substituído pelo petróleo e pela parafina), por exemplo, nas candeias; nas farmácias e como mezinha caseira, sendo remédio para muitos males; como produto de limpeza e lubrificação de máquinas; e no fabrico de produtos, como o sabão. A lenha era ainda aproveitada para combustível.

A maioria da população ativa do Baixo Alentejo trabalhava à empreitada ou à jorna, principalmente, na agricultura, onde, a apanha da azeitona, era uma atividade que tinha uma enorme relevância do ponto de vista socioeconómico, na região e no concelho, com uma periodicidade aproximada de três a quatro meses.

A partir dos anos 50, o apoio à produção industrial de óleos substitutos do azeite, ao cultivo de oleaginosas, como o girassol, propiciaram uma forte concorrência dos óleos alimentares, com custos de produção mais baratos, dando origem à alteração do padrão de consumo, que caiu para metade. Ao mesmo tempo iniciou-se o processo de mecanização em muitas tarefas agrícolas, o que levou à progressiva diminuição do trabalho manual.

Durante a década de 60, um conjunto de fatores, como a emigração, o despovoamento do interior, a guerra colonial e o desenvolvimento económico do país (indústria e turismo), acentuaram a redução de mão-de-obra e das atividades agrícolas no interior do país e entrou-se num período de regressão, tanto ao nível da produção, como do consumo.

Desde então, muitas das propriedades com olival reduziram a produção, ou alteraram o ramo de atividade, aproveitando os incentivos económicos dados para outros usos da terra.

Atualmente muitos são os olivais tradicionais que estão ao abandono e ficam por apanhar.

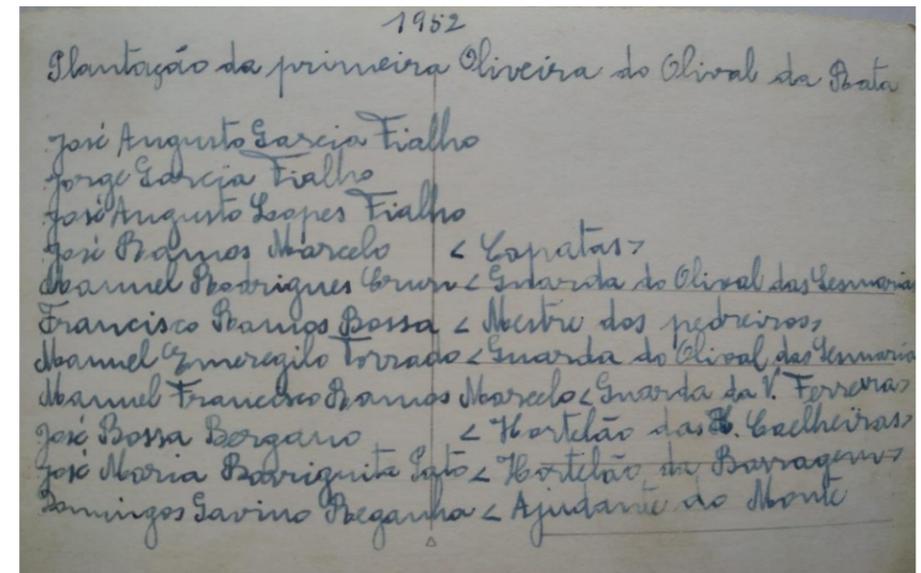
Em todo<sup>h</sup> ehti<sup>h</sup> sítio a azêtona se apanhava à emprêta. Era o patêro do<sup>h</sup> Monti<sup>h</sup> a pessoa encarregada de arranjar o<sup>h</sup> grupo<sup>h</sup> para í. Habia sítio<sup>h</sup> ondi o<sup>h</sup> grupo<sup>h</sup> se chamabõ rancho<sup>h</sup>.

Ao princípio se pagaba a vinti cinco tohtë<sup>h</sup> a saca (de cinco alquê<sup>h</sup>). Depoi<sup>h</sup> foi aumentando e se chegô a pagá a cinco e<sup>h</sup>cudo<sup>h</sup> pela saca. Oh homem ganhobõ um pocachinho mai<sup>h</sup> que a<sup>h</sup> mulheri<sup>h</sup>. Quando se faziõ a<sup>h</sup> conta<sup>h</sup>, se distribuía assim o dinhêro.

O Sinhô Manué Cláudio tamém tinha genti apanhando azêtona, perto dondi é a Lâncera. Habia ôtra<sup>h</sup> família<sup>h</sup>, como o<sup>h</sup> Cuba, o<sup>h</sup> Elbira, que lebabõ mulheri<sup>h</sup> à jorna. E habia quem fossi a apanhá a azêtona a ôtra<sup>h</sup> propriedadi<sup>h</sup> do<sup>h</sup> Fialho, como a<sup>h</sup> Se<sup>h</sup>Maria<sup>h</sup> e o Pombá, ô a ôtro<sup>h</sup> sítio<sup>h</sup> para a zona de Môra, como a Herdadi do<sup>h</sup> Machado, que empregaba tamém muita<sup>h</sup> pessoa<sup>h</sup>.

No<sup>h</sup> ano<sup>h</sup> sessenta ainda se ia a pé à azêtona.

Toda<sup>h</sup> a<sup>h</sup> manhã, o patêro lebaba, no burro, quatro ô cinco cântaro<sup>h</sup> d' água para o<sup>h</sup> grupo<sup>h</sup> e preparaba o lumi para quando o<sup>h</sup> trabalhadori<sup>h</sup> chigabõ.



Berso do retrato da plantação da primêra olibêra do Olibá da Rata - 1952

Era a única altura que se aprobêta para cantá, para brincá (ô eixo, por exemplo), diberti-si e combibê todo<sup>h</sup> junto<sup>h</sup>.

O trabalho era repartido entre homem e mulheri<sup>h</sup>. Quem se subia na<sup>h</sup> olibêra<sup>h</sup> e no<sup>h</sup> ehcadoti<sup>h</sup>, de madêra, erõ o<sup>h</sup> homem, que iõ ripando à mão a<sup>h</sup> rama<sup>h</sup> para o<sup>h</sup> pano<sup>h</sup> e limpando a<sup>h</sup> olibêra<sup>h</sup>. Erõ eli<sup>h</sup> quem barejaba quando fazia falta, embora nã fossi muito habituá barejá, porque e<sup>h</sup>galhaba o<sup>h</sup> ramo<sup>h</sup> e dexaba a<sup>h</sup> olibêra<sup>h</sup> mai<sup>h</sup> "moída". Tamém erõ o<sup>h</sup> homem quem ia e<sup>h</sup>tendendo e tirando o<sup>h</sup> pano<sup>h</sup> debaxo da<sup>h</sup> olibêra<sup>h</sup>. A<sup>h</sup> mulheri<sup>h</sup> iõ ripando aquela mai<sup>h</sup> baxa<sup>h</sup>, limpando a azêtona que caía no<sup>h</sup> pano<sup>h</sup>, tirando a<sup>h</sup> folha<sup>h</sup>, o<sup>h</sup> ramo<sup>h</sup> seco e alguma que e<sup>h</sup>tibessi e<sup>h</sup>migalhada. Quando e<sup>h</sup>ti trabalho e<sup>h</sup>taba fêto, a<sup>h</sup> mulheri<sup>h</sup> se passabõ para ôtra olibêra e iõ apanhando algum rebu<sup>h</sup>co que hõbessi, com e<sup>h</sup>portõe<sup>h</sup> de berga. E o<sup>h</sup> saquêro<sup>h</sup> iõ ensacando a azêtona.

Habia muito<sup>h</sup> grupo<sup>h</sup> de pessoa<sup>h</sup> apanhando azêtona.

A<sup>h</sup> pessoa<sup>h</sup> saió de Barranco<sup>h</sup>, em grupo, por bolta da<sup>h</sup> cinco da manhã. Chigabõ ao campo depoi<sup>h</sup> da<sup>h</sup> sei<sup>h</sup> e se ficabõ à roda lumi até que o patêro dissessi que podiõ aquecê e comê o almoço, que era o primêro que se fazia, anti<sup>h</sup> de í para o<sup>h</sup> olivai<sup>h</sup>, inda de noiti, enquanto de<sup>h</sup>pontaba o dia. O almoço co<sup>h</sup>tumaba sê uma<sup>h</sup> miga<sup>h</sup>, ô uma<sup>h</sup> sorda<sup>h</sup>, ô ôtra coisa quenti, sigum o que cada um lebassi. Quando acababõ de comê, e<sup>h</sup>perabõ que o patêro dessi ordem para començá a trabalhá. Ninguém començaba sem eli dizê.

Enseguida, cada grupo se ia a apanhá a azêtona e à roda do lumi só se ficaba a ranchêra, que se encarregaba de í tomando conta do<sup>h</sup> puchero<sup>h</sup> com a<sup>h</sup> comida<sup>h</sup> de cada um. A e<sup>h</sup>ta comida se lhe daba o nomi de janta. O que mai<sup>h</sup> se fazia, nessa altura, era grão e feijão guisado, mondongo, sopa<sup>h</sup> de batata<sup>h</sup>.

O<sup>h</sup> grupo<sup>h</sup> só parabõ à uma da tardi para jantá e à<sup>h</sup> dua<sup>h</sup> se començaba ôtra bê e já nã se paraba até ô fim do dia de trabalho. Na azêtona, como era à emprêta nã se cantaba. Só na hora da janta.